

VIVÊNCIAS E PERSPECTIVAS DE JOVENS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO

Gisele Penatieri (IFRN)
Christiane M. Rodrigues (IFF)

INTRODUÇÃO

O presente artigo expressa alguns dos resultados de duas pesquisas que tiveram como eixo central a temática dos jovens e a escola, e foram desenvolvidas entre 2009 e 2010 em Programa de Pós-Graduação (Mestrado Acadêmico).

Os trabalhos foram realizados em unidades escolares distintas e focaram a relação dos(as) jovens com a escola/escolarização e seus projetos de futuro, baseando-se em suas narrativas e representações acerca de questões como ser jovem, ser aluno, ser jovem aluno, as vivências na escola e os seus projetos a partir do momento em que vivem: o término da escolarização básica, mais precisamente, o terceiro e último ano do ensino médio.

As pesquisas, ao dialogarem acerca das questões juvenis e a escola, levantam alguns questionamentos pertinentes: os sujeitos juvenis percebem-se no espaço escolar como alunos, jovens ou como jovens alunos?; quais são, na sua perspectiva, os momentos marcantes, as experiências, as aprendizagens e as dificuldades vividas na escola?; qual é o significado da escola em suas vidas?; e por fim, quais são os projetos que os mesmos delineiam a partir do final da escolarização básica? A escola, o espaço escolar em si, o currículo, fazem a(s) juventude(s)?

Pretende-se, neste texto, trazer concepções de diferentes sujeitos, que apesar de estarem inseridos em faixas etárias e escolas bem próximas, possuem projetos, preocupações, percepções, que ora os aproximam, ora os distanciam.

JOVENS E ESCOLARIZAÇÃO

Na atualidade observa-se um expressivo aumento de jovens com a possibilidade de vivenciar a experiência da escolarização em sua trajetória de vida/biografia. Assim, os tempos e espaços vivenciados na escola ganham um significado preponderante, o que leva a algumas indagações que se configuraram como problemática: quais os significados/aprendizados que atribuem e construíram para esses e nesses espaços/tempos? Quais são seus projetos para o futuro a partir da escola? Quais suas representações sobre ser aluno, ser jovem e ser jovem aluno? E, finalmente: terá a escola atingido suas expectativas como jovens?

Neste estudo entende-se a escola como instituição que oferece a educação formal, permeada por seus currículos, conteúdos, práticas de ensino, dentre outras propostas, todavia,

e prioritariamente, como um profícuo espaço social em que os alunos, e especificamente os jovens, são atores de extrema importância. Daí a importância de analisar as narrativas/representações sociais de jovens acerca de suas vivências estudantis, na tentativa de apreender os significados e sentidos que a escolarização tem em suas vidas e, a partir das experiências vivenciadas, quais projetos de futuro (próximo ou distante) delineiam para si mesmos.

Neste sentido, direciona-se o olhar aos jovens alunos, na busca por apreender, quais são as suas perspectivas frente aos seus processos de escolarização e seus projetos de futuro. Ao entender os participantes da pesquisa como sujeitos sociais (Dayrell, 2003), interessou-se por compreender como esses sujeitos interpretam e conferem significados às suas experiências e às suas realidades, mais precisamente, a seus cotidianos escolares.

CONTEXTOS

As pesquisas foram realizadas em duas instituições de Ensino Médio pertencentes a duas redes de ensino diferenciadas: federal e estadual. Ambas centenárias, representam as duas escolas públicas de maior prestígio da cidade de Campos dos Goytacazes, apesar de uma delas ter passado por sério declínio nas últimas décadas, afetada por características próprias da rede de ensino à qual pertence.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) tem o início de sua história no ano de 1906. Em 1909, pelo decreto de nº. 7.566 de 1909, a Escola Profissional de Campos torna-se uma das 19 Escolas de Aprendizes Artífices criadas por Nilo Peçanha, a única no interior, com a proposta central de oferecer uma profissão aos “desvalidos da sorte”.

No ano de 1945 passa a ser denominada Escola Técnica de Campos, sendo no ano de 1959 reconhecida como Escola Técnica Federal de Campos. Após a promulgação da 2ª LDBEN 9.394/96, em 1998 se transforma em Centro Federal de Educação Tecnológica. A nova institucionalidade CEFET Campos dura aproximadamente uma década, uma vez que inserida no contexto de expansão e ampliação da Rede Federal de Ensino, a referida instituição torna-se IFF no ano de 2008, com oferta de cursos em sete *campi*.

A pesquisa em questão foi realizada no *campus* Campos-Guarus, inaugurado em 2007 no subdistrito de mesmo nome, situado às margens esquerdas do Rio Paraíba do Sul, ao norte da zona urbana do município campista, numa região conhecida por problemas de criminalidade, falta de segurança, ausência de serviços e de infra-estrutura e escassos locais de lazer e entretenimento (VIEIRA, 2004).

A escola possui uma infra-estrutura de qualidade, com salas de aula climatizadas e equipadas com aparelhagem de áudio e visual, laboratórios bem montados e em funcionamento. No processo seletivo do ano de 2011 foram mais 20.000 candidatos inscritos para o preenchimento das 2689 vagas oferecidas. Em se tratando especificamente do curso de Eletrônica a concorrência foi de 10 candidatos por vaga.¹

O Colégio Estadual Liceu de Humanidades de Campos foi fundado em 1880 como Liceu de Humanidades de Campos, sendo a segunda instituição pública a ministrar o ensino secundário no Estado do Rio de Janeiro. A partir da equiparação ao Colégio Pedro II em 1901, criou e consolidou a fama de escola de grande prestígio social.

Desde 1884 ocupa edifício luxuoso, construído como moradia de um dos mais importantes produtores rurais da região, localizado em um "lugar nobre" da cidade. (MARTÍNEZ, BOYNARD; GANTOS, 2006). Hoje ocupa dois prédios construídos ao redor do prédio histórico e centenário, e atende cerca de 3000 estudantes. Apesar de sofrer os problemas da rede estadual à qual pertence, mantém características que a diferenciam de boa parte das escolas públicas estaduais e usufrui a fama de bom estabelecimento, sendo muito procurado por jovens tanto de classes médias moradores do bairro como por jovens que moram na periferia. Disso resulta um alunado de características heterogêneas.²

AS VOZES DOS/AS JOVENS ALUNO/AS

As pesquisas que sustentam este texto partiram do princípio de que muito se produz *sobre* a juventude e a escolarização, temas centrais de ambas as investigações, mas ainda há a necessidade de se *ouvir as vozes juvenis* sobre estas questões. Daí os questionamentos introduzidos no início deste texto e que servirão como fio condutor no que resta do mesmo.

1) O que pensam os jovens alunos acerca de suas juventudes?

Melucci (1992) apud Dayrell (2003) nos traz a ideia de juventudes, no plural, em virtude da diversidade existente em torno da temática, contrapondo a ideia de unidade que

1 Na pesquisa, de cunho qualitativo, utilizaram-se os seguintes instrumentos de coleta de dados: realizaram-se 28 entrevistas individuais, a partir de um roteiro de entrevista semi-estruturado; efetuou-se a observação dos sujeitos (jovens alunos) no espaço escolar, e realizou-se ainda, um grupo focal. Os sujeitos da pesquisa foram jovens alunos do 3º ano do curso técnico de nível médio integrado em Eletrônica, na faixa etária compreendida entre 16 e 29 anos.

2 A coleta de dados, da pesquisa de cunho qualitativo, se deu por meio dos seguintes instrumentos e técnicas: observação dos sujeitos no espaço autorizado pela direção escolar para a coleta de dados (praça em frente à instituição escolar), complementada com registro rigoroso dos fenômenos observados; realização de 30 entrevistas individuais a partir de roteiro de entrevista semi-estruturado e dois grupos focais. Os sujeitos da pesquisa foram jovens alunos do 3º ano do Ensino Médio, na faixa etária compreendida entre 16 a 18 anos.

ainda permeia a juventude. Para Dayrell (2003), a perspectiva de unidade não dá conta de compreender o ser social jovem já que é na diversidade que se concretizam as condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos que os sujeitos se constituem como seres históricos e sociais. Se o entendimento sobre a juventude é pautado por perspectivas sócio-histórico-culturais, os estudos em análise pautaram-se em Camacho (2000) para afirmar que não existe uma juventude única e homogênea, diferenciando-se ao longo do tempo e também no interior do mundo social.

Quando refletiram sobre o que é ser jovem e sobre como eles/as próprios/as se consideram, os/as jovens alunos das duas escolas estudadas coincidiram em demonstrar diversidade de opiniões, apontando a própria variedade e heterogeneidade que permeia a(s) juventude(s).

Houve aqueles/as que demarcaram a condição juvenil a partir de uma determinada idade, demonstrando forte influência de uma dimensão geracional de análise da juventude.

Adolescente é uma porcaria, não pode fazer nada, não pode entrar em determinados lugares, você não pode fazer muita coisa, agora com dezoito anos é diferente, acho que se torna jovem. (jovem aluno do Liceu)

Ser jovem é bom, é divertido (risos). Eu acho que é a melhor parte da vida, porque você pode curtir, pode usar toda a liberdade, é uma boa fase da vida da gente, é uma fase mágica (jovem aluna do IFF).

Estes jovens entendem juventude como curtição e essa ideia se aproxima das concepções ainda predominantes no senso comum, de juventude como fase da vida, com aspectos homogeneizantes, na qual todos, independente de condicionantes sociais, culturais, econômicos vivem-na de forma igualitária. Perspectiva esta que compreende somente aspectos geracionais e biopsicológicos (PAIS, 1993).

Um grupo do IFF aponta que ser jovem é ser ativo, é ter força, é ter energia.

O que é ser jovem? Ser jovem é um privilégio porque você tem força física pra fazer muitas coisas e tem também uma mente que ainda tem muito a dar. Então pra mim é um sinal de força porque você tem mentalidade pra fazer tudo, pra estudar, pra trabalhar, pra se divertir coisa que as pessoas mais velhas não tem tanto como nós (jovem aluna do IFF).

Esta fala vai ao encontro das concepções de moratória social e vital explicitadas por Margulis e Urresti (1996). Como moratória social, os jovens usufruem de um excedente temporal, um crédito a mais para vivenciar situações diversas, de prazer, de lazer, de irresponsabilidades, sem maiores sanções por parte da sociedade. A moratória vital se

constitui como um conceito complementar relacionado aos aspectos energéticos do corpo, característicos dos jovens. Os autores alertam, todavia, para aspectos que não são condicionantes gerais, como condições de classe e de gênero, por exemplo.

A entrada no mercado de trabalho demarcou posicionamentos diferenciados dos jovens das duas escolas. Se para os jovens alunos do Liceu, o que distingue/separa a(s) o universo da juventude(s) e o(s) mundo(s) adulto(s) é o trabalho, para os alunos do IFF, o trabalho deve fazer parte da vida do jovem.

Acho que jovem é ter menos de trinta anos (risos). Uma vida social de sair com os amigos, ter namorado ou ficante, sair, curtir um pouquinho, enquanto não se começa a trabalhar. (jovem aluna do Liceu)

Ser jovem é você estar se preparando pra sua vida adulta (...), se preparando para o trabalho, porque se você ficar só zoando, você vai chegar na vida adulta e não vai conquistar nada, então eu acho assim amiga, é uma fase de ralação, de preparação mesmo pra ser alguém na vida (jovem aluna do IFF).

Ser mais responsável e ter mais maturidade foram fatores que, para outro grupo dos jovens pesquisados/as, demarca o ser jovem.

Acho que com dezessete anos já sou jovem porque eu não sou mais aquela que vai com os outros. (Jovem aluna do Liceu)

Para um grupo de alunos essa fase de amadurecimento se alia a uma certa preocupação com o futuro que eles afirmam ter.

Eu tenho uma visão muito diferente das outras pessoas em relação à vida, assim das pessoas da minha idade, eu acho que todo mundo acha que ser jovem é curtir e tem que aproveitar o máximo e se divertir, e eu não acho isso, eu tento aproveitar, eu leio livros, eu tento aproveitar pra adquirir conhecimentos, que eu vou aproveitar na minha fase adulta, eu vejo a juventude como uma fase de preparação e não de curtidão (Jovem aluno, IFF).

A concepção de preparação caminha ao encontro dos estudos de Krauskopf (2003), que aborda os paradigmas norteadores das políticas públicas de juventude na América Latina. Um destes é justamente o que compreende a juventude como fase preparatória, entendendo-a como uma etapa de transição. O jovem aluno, quando se insere nesta concepção de preparação, concebe-se como um ser incompleto, um vir-a-ser, em que o presente é anulado, e a possibilidade de ser far-se-á somente em uma etapa vindoura na fase adulta.

2) As concepções dos jovens alunos sobre ser aluno

Quando os/as jovens foram indagados/as sobre o que é ser aluno/a, diagnosticou-se em suas respostas que trata-se de uma fase preparatória. Ser aluno/a está relacionado com a ideia

de vir a ser, preparar-se para alguma coisa que ainda está por vir. Observaram-se, também, reações de surpresa, silêncio, demonstrando que ficaram pensativos no que tange a este questionamento, como se ser aluno/a fosse algo natural e não inventado, construído socialmente (SACRISTAN, 2005) e que pudesse ser questionado. Para o presente dos jovens alunos surge o aprender, passar de ano, tirar boas notas, ser cobrado e se dedicar, sempre com uma perspectiva de preparação para o futuro.

*Aluno? Eu sei que a gente tá aprendendo para um dia lá na frente né.
(jovem aluna, Liceu)*

Um grupo representativo do IFF traz novamente à discussão aspectos relacionados ao mercado de trabalho, ressaltando que ser aluno é estar preparado para se inserir neste mercado. A ideia construída sobre o saber e os conhecimentos na escola assume um caráter utilitarista (FRIGOTTO, 2005), em que os mesmos ressaltam que *estudar é adquirir conhecimento pra um dia ta preparado pro mercado de trabalho*. Observa-se, neste sentido, que parte considerável dos sujeitos da pesquisa pertence ao contingente de alunos que precisa buscar o mais cedo possível um emprego.

3) Entre o ser jovem e o ser aluno

Para a compreensão da questão, apóia-se na proposta de Dayrell (2001), que aponta a escola como um espaço sócio-cultural, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos.

Interessante observar que a maior parte dos sujeitos participantes, de ambas as unidades, apontou que a escola os “enxergou”, ao longo de sua trajetória escolar, como alunos e não como crianças ou jovens. Outro fator que se agrega a essa constatação é o fato de que a escola não é sentida em seu tempo presente (de jovem), mas sempre como uma preparação, um vir a ser.

Os momentos citados pelos estudantes liceístas como sendo de vivências juvenis na escola se referem a tempos e espaços da dimensão cotidiana da escola e não do currículo oficial. São os intervalos entre as aulas; horários de entrada e saída; horários vagos em que se reúnem, as conversas, os namoros, os jogos, entre outras atividades. Ao perceberem certa invisibilidade do sujeito jovem em detrimento do sujeito aluno (CAMACHO, 2004), os/as jovens alertam seus educadores:

Tem que compreender que existe uma pessoa, um jovem que é aluno né. (jovem aluno do Liceu)

Sposito (2000), também pressupõe a condição infantil e juvenil como cenário onde se localiza a vivência estudantil, evitando um tratamento abstrato e descontextualizado da categoria aluno. Para a maior parte dos jovens alunos do Liceu, estar estudando é algo que permeia o ser jovem na atualidade.

De encontro a este posicionamento, os alunos do IFF declararam que o importante no espaço escolar é amadurecer, e não ser jovem. E, suas falas demonstram que, no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), esse processo é bem natural e até necessário. O importante é ser aluno, é cumprir *direitinho o dever de casa* para conseguir êxito num futuro posto de trabalho. Assim, no IFF, a condição de aluno precede a de jovem, por se voltar com mais ênfase aos seus processos educativos, tendendo a anular o sujeito em sua condição de criança ou de jovem, concebendo-o somente em sua função de aluno. Esse processo, ocorrido por anos de escolarização, faz com que os jovens caminhem ao encontro desse movimento de anulação de sua condição juvenil no espaço escolar. A curtição, o viver a vida sem responsabilidades é permitido somente além dos muros escolares. Na escola de EPT, o espaço é do aprender, da preparação para o futuro.

Contesta-se o modo como a escola atual se relaciona com os sujeitos, dando predominância à categoria de “alunos” e não a de “jovens”. A proposta é que a instituição escolar crie disposições para o estudo, entendido como ferramenta necessária para a apropriação de saberes e habilidades requeridas pela vida social, mas que igualmente reconheça que a identidade dos alunos não é construída apenas por sua inserção na trajetória escolar, sendo muito mais ampla.

4) Ser jovem e estar concluindo a Educação Básica – o jovem aluno

Peregrino e Carrano (2003) apresentam uma análise da realidade educacional brasileira após os anos 90 e destacam os limites desencadeados pela expansão do ensino. Os autores falam de uma escolarização expandida no tempo e degradada na qualidade à qual são submetidos os jovens das camadas populares.

Ser jovem, de classe social baixa ou média baixa e estar concluindo a educação básica traz uma configuração de diversos modos de viver os tempos sociais produzidos em torno da vida escolar, tensão não resolvida entre as demandas do presente e a “recompensa”, perspectivas incertas do/no futuro, dadas as restritas chances de continuidade de estudos no ensino superior e as crescentes dificuldades de inserção no mundo do trabalho que emprega cada vez menos e exige cada vez mais qualificação.

O próximo trecho, de um dos grupos focais realizados no Liceu, demonstra as

cobranças e incertezas que recaem sobre o jovem estudante ao final da Educação Básica.

Jovem aluno E - Até o ano passado não tinha muita preocupação. Até chegou no começo desse ano e foi assim: você tem que fazer cursinho, entrar na faculdade, tem que arrumar um trabalho, não, você tem que se alistar no exército, você tem que ser bem sucedido.

Jovem aluna F: Eu acho que é muita pressa. Tanto dos pais, quanto da sociedade que querem dizer: agora você cresceu, vai, agora se vira (risos) e você não tem quase nada ainda, não tem profissão, não tem dinheiro pra nada.

Jovem aluno E: Eu tenho medo de ficar parado dentro de casa, não ter emprego (...) O negócio hoje em dia, pô, tá muito difícil! (...)

Jovem aluna G: Nosso maior medo é saber se nossos sonhos vão se realizar ou não. Porque nem sempre depende só de nós como todo mundo pensa!

Para Pais (1993) as questões contemporâneas põem à prova a representação da juventude como um processo de transição linear entre ciclos conhecidos, seguros e predeterminados (por exemplo, escola/ trabalho), demonstrando a pluralidade de trajetórias individuais.

Sposito (2004, 2005) afirma que os tempos juvenis em disputa no espaço público convergem sempre para uma análise que perpassa as dimensões do presente e do futuro. Se o presente é marcado pela experimentação e pela aquisição de direitos que propiciam a vivência da condição juvenil, o futuro é marcado pela preocupação de possíveis inserções na vida adulta, tendo o trabalho como categoria mediadora entre os dois tempos.

5) Momentos marcantes, aprendizagens e dificuldades na escola

No que se refere às trajetórias estudantis e juvenis construídas nas escolas, que demarcam os momentos marcantes, as aprendizagens, as dificuldades, as preocupações e as aspirações, notou-se certa diferenciação nas concepções dos alunos do Liceu e do IFF.

Quanto às situações mais marcantes e mais importantes vividas na escola, os/as jovens alunos *liceístas* se remeteram às amizades, à reprovação, às brigas, às discussões; situações de preconceito e de discriminação.

Quanto aos principais problemas e dificuldades enfrentados na vida escolar, os/as participantes do Liceu apontaram questões relativas ao processo ensino-aprendizagem, relacionamento com colegas e professores/as, provas, transporte, e preconceito e discriminação. Interessante observar que os/as jovens-alunos acabam por apontar estas situações como intrínsecas ao contexto escolar, algo naturalizado, cabendo a eles/as a adaptação ou superação.

As principais preocupações nas suas trajetórias escolares remetem-se ao aprendizado dos conteúdos; alcance de boas notas e aprovação anual, além de um bom relacionamento com os diversos atores da escola, principalmente os pares.

Quanto aos aprendizados obtidos ao longo da vivência escolar, os/as jovens ressaltam o aprendizado para o futuro, sobretudo relacionado ao mercado de trabalho no âmbito do relacionamento interpessoal.

Sobre as relações/interações sociais nos tempos e espaços da escola, os jovens alunos do Liceu expressaram falas que puderam ser agrupadas em três argumentos para a escolarização: escola é necessidade, obrigação e prazer em encontrar os pares.

A necessidade foi o argumento mais apontado para se frequentar a escola, sempre atrelada ao mercado de trabalho, seguido da possibilidade de encontro e socialização com os colegas.

Sobre suas sugestões para tornar a escola/experiência estudantil mais significativa, os jovens alunos do Liceu apontaram que os professores deveriam faltar menos; que a escola deveria ser um espaço mais agradável com música, por exemplo; com um ensino mais dinâmico e interessante; com uso das novas tecnologias; com mais rigidez e cobrança quanto à disciplina e quanto ao aprendizado, mas demonstrando-se preocupação com os jovens e não só cobranças infundadas; sem provas mas com instrumentos avaliativos menos penosos; com mais diálogo entre os atores da escola e os alunos; com mais espaços de voz aos discentes.

No que se refere aos alunos do IFF, os momentos marcantes positivos e negativos estão intimamente ligados à discussão acerca do “ofício de aluno”. Os jovens mostraram que os momentos positivos foram bem diversos, entretanto 71% deles convergiram para compor uma trajetória de sucesso, e os outros 29% estão ligados às questões pessoais, voltadas às sociabilidades juvenis. Assim, para eles, positivo foi passar de ano, não ter ficado em dependência, foi ter professores qualificados durante o curso e ter uma escola com uma infraestrutura de qualidade. Ao se voltarem aos momentos marcantes negativos, um número significativo dos entrevistados disse não se lembrar ou não ter vivido nenhum momento negativo na escola que merecesse registro. Ao serem convidados a falar sobre isso, uma jovem aluna de 16 anos, resumiu a concepção desse grupo: “essa escola é uma mãe”. Todavia, em muitos momentos, suas falas voltaram-se às suas lembranças, citando suas notas baixas, reprovações, as dificuldades na realização de trabalhos, as dependências e algumas brigas com professores e com colegas.

Em relação às aprendizagens, o aspecto mais presente entre todos os jovens *iffeanos* foi a possibilidade de terem passado por um processo de “amadurecimento”, seguido de fatos

relacionados ao próprio curso e das amizades construídas. Por fim, e em menor frequência, o aprendizado na organização e hábito de estudar.

Ao apontarem em primeiro lugar o amadurecimento em suas vidas, esses jovens mostram que a educação escolar atual tem proporcionado aos seus educandos, como já se falou, uma nova relação com os saberes escolares. Parece que o fato de esses alunos estarem inseridos na modalidade da EPT, ocorre um processo de adultização, dadas as responsabilidades de inserção no mundo do trabalho e rigidez no que tange aos estudos.

A preocupação com o sucesso na trajetória de aluno tem destaque mais uma vez quando eles apontam que a maior dificuldade foi em relação a se adaptar a um novo ritmo de ensino, se comparada às escolas em que eles estudaram no Ensino Fundamental. Os relatos dos jovens alunos no que tange às suas dificuldades e aprendizagens se voltam quase sempre a aspectos que dizem respeito a um processo de amadurecimento, visto por uma via de mão dupla: ao mesmo tempo em que dizem ser interessante, também se torna ruim, por ser um processo sofrido e de negação de suas condições enquanto jovens; todavia, independente de uma perspectiva ou outra, percebe-se para a grande maioria como um processo necessário para se alcançar um futuro melhor.

6) Escola e projetos

Em relação aos projetos a partir da escolarização, os sujeitos do Liceu apontam que a curto e médio prazo as possibilidades e anseios quanto aos projetos, direcionam-se para trabalhar, dar continuidade aos estudos em um curso técnico, trabalhar e estudar, ingressar no ensino superior. A possibilidade do casamento e constituição de família apareceu na fala de, apenas, duas jovens (dos trinta) e com a ênfase de que seria um projeto a longo prazo.

Apesar de parte significativa (22 dos 30 jovens alunos no Liceu) manifestou o desejo de ingresso na graduação, verificou-se que, a curto e médio prazo, muitos acabam por optar por outros projetos, protelando essa vontade. Nesse aspecto, o fator classe social mostrou-se contundente: os jovens das classes sociais menos abastadas financeiramente apontaram como projetos trabalhar, trabalhar e estudar, ou dar continuidade aos estudos num curso técnico profissionalizante. Já os jovens das classes sociais com melhor poder aquisitivo apontaram trabalhar e estudar ou ingressar no ensino superior.

Os/as jovens mais abastados/as do Liceu projetam vida escolar mais longa; portanto, terão a oportunidade de gozar da moratória social por mais tempo. Observou-se que o desejo de trabalhar para alguns jovens vai ao encontro do emprego como possibilidade de realização

de vivências do sujeito jovem. Pensada na perspectiva da moratória social, há uma exclusão da condição juvenil de um grande número de jovens por conta da situação econômica (MARGULIS, 2001): em geral, a juventude depende de dinheiro e de tempo.

Quando questionados sobre as funções da escola, os jovens *liceístas* se remeteram às seguintes opções em ordem da mais citada para a menos citada: formar para o mercado de trabalho/vida profissional; prosseguimento de estudos (outro curso no Ensino Médio Profissionalizante ou cursos no Ensino Superior); para o convívio social; preparo para o futuro em geral; para dar cultura; disciplina e visão de mundo.

Observou-se um forte atrelamento entre a escola e a qualificação para o mercado de trabalho. Outros cursos qualificadores como inglês e informática também foram citados como complementares às exigências cobradas pelo mercado de trabalho, bem como o aprendizado interpessoal de adaptação. A fala abaixo é contundente:

Papel da escola? (pensativo) Muito importante pela questão do emprego. Você não pode brigar por nada, concorrer a nada, ter nada sem isso né. Tem que ter a escola e curso técnico, inglês, informática e tudo mais. Hoje em dia tá assim, tudo o que você puder fazer, meu amigo, tem que fazer, tem que encarar. (Jovem Aluno do Liceu)

Sobre os projetos de futuro, próximo ou distante, dos alunos do IFF, aproximadamente 70% (setenta por cento) dos jovens alunos entrevistados disseram que pretendem começar a trabalhar assim que acabar a escolarização básica, situação facilitada pela formação profissional recebida.

Eu gostaria de trabalhar o mais rápido possível, assim que terminar meu curso, eu tô ansiosa por isso (jovem aluno, IF)

(Risos) ai, ai. Por mim eu começava a trabalhar agora mesmo, mas não dá, eu tenho só 16 anos. Cheirando a leite eles não querem nem pra trabalhar de graça, nem em estágio, mas faltam só dois aninhos, né (jovem aluna, IFF).

Afirmaram que o ensino médio realizado na modalidade integrada dificulta os planos dos que querem fazer um ensino superior. Outros, de renda familiar inferior, defendem o ensino médio integrado como possibilidade de entrar o mais rápido possível no mercado de trabalho. Pode-se afirmar assim que a entrada no mercado de trabalho é uma forma de alcançar o mais rápido possível a independência e a ajuda na subsistência da família.

Esse fato mostra que o lugar do trabalho não está dissociado do perfil dos sujeitos, em que aspectos como escolaridade, profissão dos pais e renda familiar –este último principalmente- interfere sobremaneira na decisão de começar a trabalhar de imediato ou não.

Eu não pretendo trabalhar agora não, não tô pensando nessa coisa de mercado agora não. Eu quero fazer uma faculdade, fazer uma pós graduação, um mestrado, me estabilizar, eu não pensei em trabalho ainda não, eu penso em estudar primeiro (Jovem aluno, IFF).

Pimenta (2007) defende que a transição para a vida adulta é um processo complexo, que articula fatores ligados aos contextos familiar e de classe, por exemplo; assim “as distintas origens sociais e econômicas dos sujeitos interferem no processo, configurando em diferentes modalidades de transição” (p. 15).

Outra evidência encontrada se remete ao “sonho” de trabalhar na grande indústria do petróleo, na PETROBRAS ou em empresas multinacionais, representado por falas muito idealizadas em torno dos salários atrativos do trabalho *offshore*³.

O restante do grupo apontou o desejo de realizar outros projetos como dar prosseguimento aos estudos no nível superior. Há ainda os que pensam em trabalhar em outra área, que não seja a de eletrônica. E um pequeno grupo que projeta montar o próprio negócio, sendo uma loja ou uma escola. O que se percebe com este pequeno segmento, composto por jovens alunas, é um desejo pela autonomia, por uma vontade de “ser livre” e não receber ordens.

Como a questão da inserção no mundo do trabalho surgiu de forma mais latejante com o grupo de jovens alunos do IFF, discutiu-se com os mesmos, para além dos aspectos instrumentais, o significado e o lugar do trabalho para eles. Todos os entrevistados afirmaram ser o trabalho uma dimensão importante em suas vidas, independente se irão trabalhar imediatamente ou se em um futuro próximo ou distante.

A necessidade revela-se como o primeiro grande sentido em suas vidas juvenis. Conforme Corrochano (2001), “o trabalho aparece assim, em sua primeira forma, como uma necessidade da vida, da qual apenas os afortunados podem livrar-se” (p. 154). Para terem renda, querem se inserir na grande indústria do petróleo, querem ter um emprego estável, público ou privado, querem montar uma loja ou escola – querem usufruir os direitos de um pleno emprego.

A necessidade – seja para apoiar a família, seja para aquisição de bens de consumo, para a realização de viagens; a independência de jovens meninos, mas principalmente para as jovens meninas e a dignidade foram os principais motivos pelos quais os jovens expuseram que precisam trabalhar, configurando-se em sentidos diferenciados, de acordo com seus perfis familiares, sociais e econômicos. Para

3 Expressão relativa ao trabalhador que trabalha em plataformas ou refinarias de petróleo, em escalas de confinamento.

Guimarães, (2008, p. 159) “dimensões do trabalho o colocam como centro da agenda de necessidades, interesses e urgências, pessoais e sociais”.

O QUE O DIÁLOGO ENTRE AS DUAS REALIDADES NOS POSSIBILITA APONTAR

Ao se estabelecer um diálogo entre os jovens das duas escolas, é possível apontar algumas considerações que, de forma cautelosa, não podem ser generalizadas.

O ingresso à escolarização básica, tendo seu início na educação infantil vem ocorrendo cada vez mais cedo para os sujeitos, levando-os a experimentarem uma longa trajetória em suas vivências como escolares. Apesar da diversidade de projetos, a maior parte sente a necessidade de continuidade dos estudos após a educação básica. Sobretudo, o valor da educação fica submetido às condições da escolaridade.

Observou-se certa naturalização quanto à escolarização e o ser aluno/a como uma fase, eminentemente, preparatória, para um tempo futuro, um *vir a ser*. Preparação esta que se estende para além do período da escolarização, para a própria vida após a educação básica, demonstrando a necessidade de se prolongar, também, a escolaridade.

Os/as participantes desse grupo acreditam na escola como lugar de promoção social a partir da *conquista de um bom emprego*, forte preocupação juvenil, apesar das considerações sobre suas incertezas quanto às concretas possibilidades de sua inserção no mundo do trabalho.

Ser jovem é ser e estar como sujeito com tempos de vida permeados pela vivência estudantil. A obrigação, o prazer e a necessidade foram as expressões e sentimentos em relação à escola. A influência da escola nos tempos de vida foi avaliada de forma positiva, como um aprendizado da e para a própria vida. No entanto, os sujeitos apresentaram diferentes visões em relação à escola, permeadas pelas diversas possibilidades e condições de modos de ser e estar, trata-se de um grupo de jovens alunos(as) que têm como conjunto estarem finalizando o Ensino Médio, mas com vivências diferenciadas. Vivenciaram e vivenciam trajetórias escolares diferentes e, por vezes, desiguais, cujos reflexos sobre a finalização da educação básica e seus projetos têm seus reflexos.

O âmbito das relações interpessoais nos tempos e espaços escolares foi bastante enfatizado pelos/as jovens como sendo um importante aspecto ao longo da vivência escolar, exposto por meio de inúmeras e variadas histórias vividas. Os estudos demonstram que a escola é um importante espaço de socialização infanto-juvenil, mas a maior parte dos/as entrevistados/as não se sentiu/sente atendido na condição infantil e juvenil nas situações concretas do currículo oficial escolar. Os/as jovens sentem-se vistos e tratados apenas como

alunos/as. A instituição escolar, de modo geral, não favorece as manifestações juvenis. No caso das pesquisas esta lógica também se confirma: o/a aluno/a é o protagonista principal no seu entremuros.

O momento do Ensino Médio, assim como da juventude foi explicitado como sendo o de mais responsabilidade e maturidade frente à vida escolar, uma nova etapa, sendo essa uma das possibilidades da escola de estabelecer novas possibilidades de construção de espaços de autonomia junto à esses/as jovens alunos.

Ao concluir a Educação Básica, os/as jovens alunos/as apresentam visões diferenciadas sobre inúmeras situações vividas na escola e sobre diversos contextos vivenciados ao longo de sua própria trajetória estudantil. Vivenciam a “*vida de jovem aluno*” afetada por variados aspectos, sobretudo, os efeitos da globalização; as exigências cada vez maiores do mercado de trabalho; entre outras, pondo em reflexão a própria função da escola na contemporaneidade, bem como o direito do cidadão a uma educação de qualidade.

Entretanto, em relação aos seus projetos de futuro, as visões dos jovens de cada escola se apresentam diferenciadas: os do Liceu, concluintes da Educação Básica regular, com formação geral, respondem aos questionamentos próprios dos tempos atuais, carregados da falta de certezas e de desorientação geradas, entre outros fatores, pela mudança de uma configuração particular que caracterizou grande parte do século XX: a “condição salarial”. Já os jovens alunos do IFF, por terem feito um curso integrado, enxergam ainda no mundo do trabalho uma possibilidade próxima e certa, muitas vezes incentivada pelas promessas e características laborais locais.

Das vozes que se fizeram presentes em ambas as pesquisas e que aqui dialogam, ecoam questionamentos e inquietações que persistem para além dos que originaram este artigo. Uma observação, entretanto, se faz mais presente e ao mesmo tempo que se coloca como apontamento também se coloca como nova indagação. Diferentes escolas, com diferentes formas de ensino e currículos, possibilitam formas diferenciadas de se vivenciar as variadas possibilidades de ser jovem, ser aluno e, por fim, ser jovem aluno.

REFERÊNCIAS

CAMACHO, L. M. Y. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si**. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação USP.

_____. A invisibilidade da juventude na vida escolar. In: **Perspectiva: revista do Centro de Ciências da Educação**. Universidade Federal de Santa Catarina. Volume 22, n. 2, Florianópolis. Julho/dezembro 2004.

CORROCHANO, M.C. **Jovens olhares sobre o trabalho: um estudo dos jovens operários e operárias de São Bernardo do Campo**. 2001. 199 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação USP.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, 2003, No. 24, p.40-52.

_____. A Escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. (Org.). **Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

FRIGOTTO, G. (Org.). **Ensino médio integrado: concepção e contradição**. São Paulo: Cortez, 2005.

GUIMARAES, N. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, H.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

KRAUSKOPF, D. La Construcción de Juventud em Centroamerica. In: LEON, O. D. (Org.). **Políticas Publicas de Juventud en America Latina: políticas nacionales**, Viña Del Mar Chiel: CIDPA Ed., 2003.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MARGULIS, M. Juventud: una aproximación conceptual. In: BURAK, S. D. (Comp.) **Adolescência e juventude na América Latina**. Cartago: Livro Universitário Regional, 2001.

MARTÍNEZ, S. A.; BOYNARD, M. P. ; GANTOS, M.C. Arquitetura, escola e memória: O edifício do Liceu de Humanidades de Campos. **Cadernos de História da Educação (UFU)**, v. 5, p. 161-174, 2006.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PEREGRINO M. e CARRANO, P., Jovens e escola: compartilhando territórios e o sentido da Presença. In **A escola e o mundo juvenil: experiências e reflexões**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

PIMENTA, M. M. **‘Ser jovem’ e ‘ser adulto’: identidades, representações e trajetórias**. 2007. 257 p. Tese. (Doutorado em Educação) - Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SACRISTÁN, J. G. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SPOSITO, M. P.; GALVÃO, I. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. In: **Perspectiva: revista do Centro de Ciências da Educação**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 277-575, jul./dez. 2004.

SPOSITO, M. P. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 13, 2000.

_____. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.